

## TRANSDISCIPLINARIDADE E INTERDISCIPLINARIDADE: DESAFIOS DA INCORPORAÇÃO DE NOVOS CONCEITOS PARA TRABALHO EM EQUIPES NA ÁREA DA SAÚDE<sup>1</sup>

Maria Lucia RODRIGUES<sup>2</sup>

Porque a interdisciplinaridade e transdisciplinaridade vêm constituindo matéria de discussão e motivação para os profissionais da área da saúde? Porque essa questão nos atrai? As reflexões e os conhecimentos que resultam dessa proposta expressam apenas um modismo intelectual? Que desafios implicam?

O mundo contemporâneo vem solicitando, na forma de diferentes apelos, que realizemos séria revisão dos valores pessoais, dos conhecimentos, das políticas, das práticas sociais e dos modos como as praticamos. Desde muito cedo, através de nossa educação, aprendemos a separar e a isolar as coisas, dispendo-as de maneira mecânica, *organizando-as* segundo critérios lineares de ordenação, não importando o contexto a que se vinculam. Vivemos uma realidade

---

<sup>(1)</sup> Texto apresentado no XX Congresso de Secretários Municipais de Saúde do Paraná, Londrina, maio de 2004.

<sup>(2)</sup> Doutora em Serviço Social, Titular do Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social da PUC/SP e Coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas da Complexidade, Ensino e Questões Metodológicas em Serviço Social – Nemess/PUCSP.

de máxima divisão, de excessiva fragmentação dos conhecimentos quase sempre dispostos em disciplinas compartimentalizadas.

Vivemos também em constante estado de competição e de disputas sem fim. Talvez uma espécie de *carma*<sup>3</sup> civilizatório mundializado, decorrente das disjunções entre democracia e capitalismo, entre os modos de pensar, de sentir e de agir, de inversões dos valores éticos, de banalização da solidariedade, de potencialização da violência e da *insignificância*<sup>4</sup> o que não raro, favorece o enfraquecimento da cidadania. Se por um lado esta situação nos aterroriza, por outro é ela que nos mobiliza, nos faz pensar e nos predispõe à renovação e recriação dos saberes, nos desloca das velhas posições pessoais e profissionais, da fixidez da razão, da atração pelo poder do poder político (qualquer que seja).

As exigências e indagações que se colocam aos profissionais do campo das humanidades atravessam as fronteiras disciplinares de uma área específica de saber, porque requerem uma postura aberta capaz de alcançar um conhecimento mais global, *complexo*, resultante da íntima relação entre *pensamento e emoção*, entre *informação e contexto*. O novo desafio está em *reestabelecer* os circuitos entre modos desiguais de pensamentos, de conhecimentos, de sentimentos e diferentes práticas sociais.

Percebemos atualmente certa tendência em conceber a **saúde** como fenômeno multidimensional, que envolve de modo interdependente os aspectos físicos, biológicos, psicológicos, sociais e que procura resgatar o conhecimento sobre o mundo *subjetivo* porque compreende que a doença, é fortemente influenciada pelo contexto cultural (social e emocional) em que acontece. A saúde passa a ser considerada também uma experiência subjetiva, um estado

---

(3) Refiro-me ao conjunto de ações humanas e suas conseqüências configuradas como forças geradoras de um destino.

(4) Ver texto de Cornelius Castoriadis, *Post-Scriptum sur l'insignifiance*, Ed. Veras, S.Paulo, 2001.

de bem-estar que se estabelece quando o organismo e suas interrelações movimentam-se em equilíbrio interior e exterior (endo e exo-referente), preservando a autonomia individual ao mesmo tempo em que se articula aos sistemas mais amplos. Neste sentido, a doença aparece como consequência do desequilíbrio e da desarmonização das interações entre corpo (matéria físico/biológica), espírito (instância de subjetividade e pensamento) e o mundo circundante.

Marcam o século XIX diferentes polarizações: bem e mal, saúde e doença, prazer e sofrimento, pobreza e riqueza. Com o questionamento paradigmático das ciências da modernidade, o sofrimento, considerado subjetivo em contraposição à materialidade e objetividade da doença, passa a ser reintegrado ao indivíduo, olhado agora na conjugação das relações razão/emoção, natureza/humanidade, ética/política. Se nosso século vem sendo alcançado por diferentes formas de sofrimentos e privações<sup>5</sup> será necessário *recriar o homem humanitário* buscando nele *“diferentes-semelhantes que conformam a humanidade em seu conjunto ... e com um sentimento de humanismo democrático capaz de estender a solidariedade cívica a todo o planeta”*. A dor dos outros, como nos faz refletir Susan Sontag (2003), precisa ser nossa também e nos indignar no limite da solidariedade, dos deveres de consciência e da reorientação da prática que exercemos.

## INTERDISCIPLINARIDADE

No cotidiano de nossa prática, sentimos cada vez mais dificuldades para enfrentar a diversidade e a complexidade dos problemas humanos. É certo que o campo das humanidades não é privativo de uma

---

<sup>(5)</sup> Doenças de toda sorte nem sempre reconhecidas pela comunidade médica, perda de poder aquisitivo, guerras, ressentimentos, humilhações, instabilidades, totalitarismos, violências, entre outros.

<sup>(6)</sup> Ver texto de Edgard de Assis de Carvalho “Polifonia cultural e ética do futuro”. **Revista Margem**, Nº 09, Educ Ed. Pucsp, São Paulo, 1998, p.29.

única área de conhecimento e, portanto, a fecunda interlocução entre elas constitui importante *estratégia de alargamento e flexibilização* dos conhecimentos.

A *interdisciplinaridade* promove a troca de informações e de conhecimentos entre disciplinas mas, fundamentalmente, transfere métodos de uma disciplina para outras. Por exemplo: os métodos da física nuclear podem auxiliar na cura do câncer, na engenharia de alimentos ou de remédios, etc.. Corresponde a um espectro mais ampliado de ação, alcançando um processo de interação entre disciplinas capaz de promover a conjugação de conhecimentos que elevem os níveis de saber.

Além de poder ser compreendida como estratégia, método, técnica didática, instrumento de ação a interdisciplinaridade é também, "(...) *postura profissional que permite se pôr a transitar o 'espaço da diferença' com sentido de busca, de desvelamento da pluralidade de ângulos que um determinado objeto investigado é capaz de proporcionar, que uma determinada realidade é capaz de gerar, que diferentes formas de abordar o real podem trazer. (...) A perspectiva interdisciplinar não fere a especificidade das profissões e tampouco seus campos de especialidade. Muito pelo contrário, requer a originalidade e a diversidade dos conhecimentos que produzem e sistematizam acerca de determinado objeto, de determinada prática, permitindo a pluralidade de contribuições para compreensões mais consistentes deste mesmo objeto, desta mesma prática*"<sup>7</sup>. Sob este ângulo, a interdisciplinaridade não pretende a **unidade** de conhecimentos mas a **complementaridade**, a **parceria** e a **mediação de conhecimentos parcelares**, na **criação de outros saberes**. Podemos arriscar ver nela uma **mediação para a transdisciplinaridade**.

---

<sup>7</sup> Ver texto *Caminhos Transdisciplinares – fugindo a injunções lineares*. Revista Serviço Social e Sociedade, Nº 64, Ed. Cortez, São Paulo, 2000.

## TRANSDISCIPLINARIDADE

Surgida há mais de três décadas, esta palavra foi inicialmente utilizada por diferentes pesquisadores (Jean Piaget, Eric Jantsch, Edgar Morin e outros) para traduzir a necessidade de transgredir e transpassar fronteiras disciplinares com a esperança de colocar em conexão os conhecimentos já produzidos e através da articulação e qualidade dialógica, produzir novos.

O sentido de **transdisciplinaridade** a que nos referimos é aquele que potencializa a idéia de *caminhar*, de ultrapassar as fronteiras das disciplinas e de ousar transitar entre elas. Refere-se ao movimento que se estabelece, como propõe B.Nicolescu<sup>8</sup>, “*entre*”, “*através*” e para “*além*” das disciplinas cuja dinâmica consolida-se na “*coerência de pensamento*”, na “*legitimidade científica*” e na “*articulação*” de saberes que desdobram-se desse exercício. A prática transdisciplinar visa *multiplicar os ângulos de aproximação que complexificam o objeto*<sup>9</sup>.

De certa forma, ao profissional da saúde põe-se o difícil compromisso de *transrelacionar* uma cultura do conhecimento centradamente cognitivista, excessivamente enfraquecida pela compartimentalização, com uma cultura de conhecimentos multidimensionais alavancada por uma possível **formação transcultural**, capaz de dialogar com diferentes modos de produzir e por em prática os conhecimentos. Essa formação se constrói:

- no encontro e/ou no confronto com outras culturas;
- na disposição de *uma outra forma de conhecer*, que inclui valores, crenças, experiências, especialmente humanizada ou competentemente humana, “*(...) um conhecimento*

<sup>(8)</sup> Físico teórico, Presidente do *Centre International de Recherches et Études Transdisciplinaires* de Paris, autor entre outras, da obra **La Transdisciplinarité – Manifeste**, 1999.

<sup>(9)</sup> F.Bianchi, “O Caminho do Método” In Pena-Vega e Pinheiro do Nascimento, *O Pensar Complexo*, Rio de Janeiro, Garamond, 1999, p.123.

*compreensivo e íntimo que não nos separemas antes nos uma pessoalmente ao que estudamos”<sup>10</sup>*, argumenta B.Souza Santos.

- no exercício do autoconhecimento<sup>11</sup>;
- no fortalecimento de uma consciência aberta, policêntrica e protagonizadora do ato criativo;
- na compreensão dos diferentes *níveis de realidade*, para **levar a termo uma nova praxis**.

Na perspectiva **transdisciplinar** o **conhecimento**, como define Edgar Morin<sup>12</sup>, desdobra-se do exercício **cognitivo** que se estabelece pela conjugação entre razão/reflexão, erro/incerteza, objetividade/subjetividade e que, no trânsito entre estes duplos, inclusive na inter-relação possível que se estabelece entre eles, tem na emoção a condição de ativação cognitiva. O conhecimento objetivo precisa do subjetivo, aquele que nos chega pela **compreensão humana** e que nos permite “(...) *reconhecer no outro os mecanismos egocêntricos de autojustificação, que estão em nós, bem como as retroações positivas (...) que fazem degenerar em conflitos inexplicáveis as menores*

<sup>(10)</sup> Ver matéria de Santos, B.de S. , *O novo milênio político*. Folha de São Paulo, 02 de abril de 2001.

<sup>(11)</sup> Não se trata de um conhecimento centrado no *self* mas inclui o *self*; admite a interferência da subjetividade, de diferentes valores humanos e crenças; compreende o objeto em continuidade ao sujeito e a ciência como ato criativo, protagonizado por um sujeito cujas trajetória e história, consolidam uma descoberta. Assim, “(...) *todo conhecimento científico é autoconhecimento*”. Ver texto de Boaventura de Souza Santos, *Um Discurso sobre a Ciências Sociais*. Portugal, Edições Afrontamento, 1995, p.50.

<sup>(12)</sup> Há na obra de Edgar Morin uma preocupação central com o sujeito do conhecimento, seu modo de pensar, suas estratégias para agir. De um ponto de vista, o que mais lhe marca originalidade, é o desafio que lança ao sujeito que pensa, age, relaciona-se, de promover uma *religação* dos conhecimentos, realizar uma reforma de pensamento capaz de reorientar esses conhecimentos para a melhor qualidade de vida e elevação da condição humana. Sobre esta matéria ver, *A Cabeça Bem-Feita, Ciência com Consciência, Meus Demônios, O Método (I,II,III,IV)*, entre outros.

querelas. *É a partir da **compreensão** que se pode lutar contra o ódio e a exclusão*"<sup>13</sup> (grifo nosso).

Ao profissional *transdisciplinar*, portanto, coloca-se uma **nova cognição**: aquela que **consagra o diálogo entre diferentes campos de saber sem impor o domínio de uns sobre os outros, acercando-se de uma atitude e de uma postura que orientam a necessária interação entre profissionais e seus conhecimentos.** (...) "*para transpassar fronteiras precisamos de **liberdade**. Isso significa que temos de nos comportar de maneira que possamos **emergir sem que tenhamos medo de desaparecer no que fazemos**. Assim, podemos voltar ou ficar lá, ou podemos ir além e juntar coisas que de outra maneira não seriam juntadas, porque campos diferentes não se relacionam mas somos nós, seres humanos, que os relacionamos*"<sup>14</sup> (grifos nossos). Essa liberdade se apóia em decisões, visões de mundo, escolhas, riscos, trocas, paixões, implica em assumir responsabilidades pelo pensamento, pelo sentimento, pelo poder argumentativo e discursivo de onde advém a nossa capacidade de criar as estratégias de ação.

Mas, este profissional que *arquiteta estratégias de ação* precisa de *espaço e solo políticos* que dêem sustentação às suas idéias e eficácia à sua prática. Cientes de que a exclusão social, econômica, educacional, cultural integram decisivamente nosso cotidiano de vida, movidos por uma racionalidade e postura críticas, entendemos que as políticas ou as estratégias, porque plurais, são sobretudo móveis, mutantes, e se fazem na sua própria construção. Elas vão se compondo não como normas, direções hegemônicas, mas como proposições possíveis e dialógicas.

Recolhemos aqui, obtidas em diferentes autores, algumas propostas que passamos a enunciar, procurando contribuir para um

<sup>13</sup> Edgar Morin, *A Cabeça Bem-Feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*, Bertrand/Brasil, Rio de Janeiro, 2000, p.51.

<sup>14</sup> Humberto Maturana, "Cognição e Transdisciplinaridade", *1º Encontro Catalizador do Centro Transdisciplinar – Cetrans – Escola do Futuro, USP*, texto transcrito e mimeografado, S.Paulo, 1999, p.18.

melhor desenho da figura deste novo profissional da área da saúde, na construção de um perfil inter e transdisciplinar<sup>15</sup>.

- **Retomar e participar do exercício político** – C. Castoriadis<sup>16</sup> – uma vez que, há algum tempo vivemos uma espécie de nulidade política, ou seja, de efetiva *insignificância*. *Resistir a esse (novo) espírito do tempo*. Trata-se de uma “*contra-educação cívica e política*” que consiste em estarmos convencidos de que não nos compete a atividade política, habituados que estamos a seguir opções que outros nos apresentam ou a votar por elas. Entretanto, *como estamos longe de ser idiotas, cremos cada vez menos e nos tornamos céticos, cínicos e apáticos. Por outro lado, nossa fragilidade diante da grande ofensiva econômico-política das camadas governantes e dominantes*<sup>17</sup> provoca-nos uma postura antipessimista que se fortalece nas convicções democráticas, no enfrentamento do “(…) *esgotamento ideológico de nossa época*”<sup>18</sup> do qual só sairemos com o ressurgimento de nossa capacidade crítica e nosso renascimento civil.
- **Restaurar nossa sensibilidade** – corajosa proposta de Deleuze<sup>19</sup> – num mundo repleto de “objetividade”, “controle”

<sup>(15)</sup> Formulação reorganizada a partir de artigo *Horizontes do Educador*. M.L.Rodrigues, **Revista Margem**, Nº 15, Educ, Junho/2002.

<sup>(16)</sup> Ver Cornelius Castoriadis, *Post-scriptum sur l'insignifiance*, Le Moulin du Château, Éditions de L'Aube, 1998. Trata-se da última entrevista que Castoriadis concedeu a Daniel Mermet, jornalista francês, pouco antes de sua morte ocorrida em dezembro de 1997; nela a *insignificância* é temática principal. Sua crítica mais vigorosa recai sobre a precariedade da participação dos cidadãos, o descomprometimento generalizado na vida da cidade, aspectos que fomentam o sentido que confere à “*insignificância, este racismo social*” (cf.p.8).

Em tradução brasileira (Salma Tannus Muchail e Maria Lucia Rodrigues), publicado por Veras ed. São Paulo, 2001.

<sup>(17)</sup> Idem, p.19.

<sup>(18)</sup> Idem.

<sup>(19)</sup> Ver Gilles. Deleuze, *Conversações*, Rio de Janeiro, Editora 34, 1992.

e “busca do conhecimento verdadeiro”. A **alta vigilância** que uns mantêm sobre outros, principalmente no que tange a opções ideopolíticas, concepções teóricas, escolhas pessoais, valores, saberes instigou o **adormecimento do afeto e a ausência da parceria**. Palavras como *fraternidade ou benevolência*—solidariedade e tolerância, porque pertencem ao repertório da sensibilidade, podem provocar a esperteza da manipulação e o desdém. “*Estranho ideal policialesco o de ser a má consciência de alguém*”<sup>20</sup>. No mundo da *racionalidade polída e objetividade política* não cabem tais manifestações, são descomedidas, passíveis de estranhamento.

- Assumir uma **postura dialógica**—Edgar Morin— Apesar das dificuldades que vivemos no cotidiano, cada vez mais, espera-se que passemos da *coação* para estratégias de *persuasão*, do *centralismo* para a expressão e a exposição de idéias. A dialógica “*une dois princípios ou noções que deviam excluir-se reciprocamente, mas são indissociáveis em uma mesma realidade*”; ela “*permite assumir racionalmente a inseparabilidade de noções contraditórias para conceber um mesmo fenômeno complexo*”<sup>21</sup>. O difícil nesta proposta consiste em pensar *com e contra a contradição*, ou seja, conceber a possibilidade de conviver com *verdades opostas ou divergentes*, compreendendo a contradição como *evolução do saber e do espírito*.
- **Respeitar e aceitar as diferenças**—B.Sousa Santos: “(...) *a igualdade não nos basta. A igualdade, entendida como ‘mesmidade’, acaba excluindo o que é diferente. Tudo que é homogêneo tende a se transformar em violência excludente. As diferenças veiculam visões alternativas de*

<sup>(20)</sup> Idem, p. 13.

<sup>(21)</sup> Ver Edgar Morin, *A Cabeça Bem-Feita*, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2000, p.95/96.

*emancipação social, cabendo aos grupos titulares delas decidir até que ponto pretendem se hibridizar*<sup>22</sup>. O que importa é o fortalecimento da democracia na resistência, na transgressão. *“As rebeldias têm de se encontrar a partir de baixo, da participação de todos. A violência não é uma alternativa e a democracia representativa só peca por ser corrupta e por não aceitar os desafios que lhe são feitos pela democracia participativa. O que está em causa é uma globalização contra-hegemônica em que caibam vários mundos e várias concepções de emancipação social”*<sup>23</sup>. É necessário substituir as relações de poder centralizadas por *relações de autoridade partilhada*.

- **Acolher** projetos prioritários e **responsabilizar-se** por novas idéias, pelo pensamento plural, pelas ações que desenvolvemos, pela produção de uma nova ética tendo por prospectiva um sujeito sensível e competente.
- **Questionar** programas ou políticas clássicas e **resistir** tudo quanto possa nos afastar da qualidade de nossa existência e de uma política planetária de preservação da saúde e da natureza.

Estes traços compõem, no seu conjunto, **características de uma nova mentalidade** e, com ela, de **um novo tipo de conhecimento** que envolve uma formação densa, plural, mais compreensiva e autocrítica. Talvez neste horizonte se situe o profissional desejado da saúde, aquele capaz de: sensibilidade e emoção como condição de ativação cognitiva para alcançar outras formas de pensar; abertura para o exercício de práticas alternativas de saúde; disposição ao apelo planetário que realinha o princípio da esperança como um *meta ponto de vista*. Um profissional da saúde inclinado às novas formulações, transgressor, mais liberto e co-responsável pela condição de humanização e de consciência planetária.

<sup>(22)</sup> Ver matéria de Boaventura de Sousa Santos, "O novo Milênio Político", in *Folha de São Paulo*, em 02/04/2001.

<sup>(23)</sup> Idem.

## INSTRUÇÃO AOS AUTORES PARA AS PRÓXIMAS PUBLICAÇÕES

A revista Cadernos de Serviço Social da Faculdade de Serviço Social/PUC-Campinas, aceita trabalhos na área de: Serviço Social, Políticas Públicas, Ciências Humanas, Educação e outras áreas afins, com enfoque em práticas sociais.

Os trabalhos deverão ser digitados no programa Word 6.0 ou 7.0 for Windows, com espaço 1,5 e letra arial tamanho 10, margens esquerda 3 cm e demais 2,5 cm, disquete 3 1/2.

- Encaminhar disquete e uma cópia em papel.
- Os trabalhos deverão conter resumo e palavras-chave.
- Texto contendo aproximadamente 25 páginas.
- Enviar, em anexo, endereço completo para contatos posteriores.
- Ao título do trabalho deverá seguir o nome do autor/autores e em nota de rodapé devem constar instituição à qual o autor é vinculado bem como demais dados referentes ao artigo.

Tabelas, quadros e legendas deverão vir referidos no texto.

A bibliografia deve seguir as normas da NBR 6023: 2000 da

ABNT.

Os trabalhos deverão ser enviados para:

Faculdade de Serviço Social/PUC-Campinas aos cuidados  
Conselho Editorial da Revista

Rodovia Dom Pedro I, km 136

Parque das Universidades

Campinas - SP

CEP 13086-900

*E-mail:* fss@puc-campinas.edu.br

*Fone/Fax (0xx19) 3756-7019*

